



1

sísifo

FASCÍCULOS DE POESIA E DE CRÍTICA

REV. 7078V

sísifo

FASCÍCULOS DE POESIA E DE CRÍTICA

DIRIGIDOS POR

M. BREDASIMÕES

«*SÍSIFO*, esse heróico e persistente lutador, dá-nos bem a luta humana, telúrica, bela e verdadeira do Poeta que sempre se esforça pela criação e sempre se renova, em sucessivos poemas e em sucessivas gerações, queimando o seu voto na ara de uma lírica aventura».

Sem periodicidade rigorosamente certa, *Sísifo* sairá, sempre que seja possível, todos os trinta dias.

Publicará poesias inéditas, portuguesas e estrangeiras, e ensaios críticos. Igualmente publicará referências críticas aos mais recentes livros e a outras publicações literárias.

Nos dois primeiros fascículos colaborarão, entre outros:

Aureliano Lima, Carmen Conde (Esp.), Domingos Carvalho da Silva (Bras.), Eduardo Lourenço, Eduardo Valente da Fonseca, Geir Campos (Bras.), Joaquim Ferrer, Lêdo Ivo (Bras.), Manuel Breda Simões, Miguel Hernández (Esp.), Tomás Ribas.

Toda a correspondência que diga respeito à organização dos fascículos deve ser remetida ao Director, Av. Sá da Bandeira, 108 — COIMBRA.

Tiragem de 700 exemplares numerados de 1 a 700.

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

(4 FASCÍCULOS)

Portugal e Ilhas	20\$00
Províncias Ultramarinas	25\$00
Brasil	30\$00
Espanha	30\$00
Outros países	30\$00

Número avulso (em Portugal) 7\$50

A distribuição de *SÍSIFO* é feita pela

ATLÂNTIDA, Livraria Editora, L.da
R. Ferreira Borges, 103-111 — COIMBRA



Compra

21. AGO. 1997

REV. 7078 V

1255

LIT

s í s i f o

poesia e crítica
FASCÍCULO 1

direcção e edição de
MANUEL BREDA SIMÕES

A POESIA, ESSA AVENTURA

Sempre que o espírito se desdobra para explorar as suas verdadeiras raízes, realiza um esforço inconsequente. Vã é, forçosamente, toda a tentativa de explicação da génese da Poesia — essa maravilhosa aventura do espírito criador. Espírito criador e ávido de desvendar o mundo encantado das palavras, para, através delas, exprimir as suas experiências e as suas inquietações. Vã e inconsequente — e paradoxal — é a tentativa de explicação do fenómeno poético, dado que não é do facto de explicá-lo que resulta a apreensão e a realização do poema ou a possibilidade de adesão a esse fenómeno: — a permeabilidade poética. Aquele que não esteja espiritualmente preparado — enriquecido — para o receber, não poderá sentir, na sua carne e no seu sangue, o toque da Poesia.

A Poesia (na sua génese como no seu fruto: o poema) não se define, não se descreve, não se explica — vive-se, sente-se.

É por isso que, por si só, as artes poéticas apenas têm servido para alimentar, transitòriamente, os fazedores de versos que sempre pululam em épocas de crise ou de saturação. Os Poetas verdadeiros, como criadores de beleza, ignoram as artes poéticas porque em pureza as possuem.

Os versificadores voluntários — como os cultores de uma poesia servil — anulam-se pelos seus próprios artifícios e vêem as suas obras logo transformadas numa versificatória oca; ou, quando servis e enredados nas coordenadas circunstanciais, numa apologética do acontecimento gratuito.

A Poesia terá que ser canto que se projecta, vibrante e puro, para além de todas as coordenadas, muito embora delas parta e nelas se situe. A Poesia terá que romper — e rompe sempre que é autêntica e verdadeira — com todos os moldes, estreitos e acabados,



porque busca a fluência e o constante renovo. E terá que ser — e é — viva e humana!

Poesia humana? Sem dúvida; se por humana entendermos uma Poesia que exprimindo, no plano do absoluto, o homem-poeta, exprima o homem-total e os seus dramas eternos.

Poesia expressão de vida? Evidentemente, se por tal entendermos uma Poesia arrancada à vida do Poeta, espelho da vida-total. De uma Poesia situada mas que não cale a sua espontânea voz para, circunstancialmente, se perder, e se negar, em planos extra-estéticos.

Cantando o Homem e cantando a Vida deve o Poeta quebrar todas as limitações circunstanciais, para se transformar num visionário. Num visionário-criador de imagens, de símbolos e de mitos, expressos pela única matéria ao seu alcance — a matéria verbal — numa descoberta de ritmos sempre renovados, cujo domínio — fundo mistério de expressão — se não aprende: intui-se, conquista-se, apreende-se inconscientemente por revelação interior.

Não se é Poeta quando se quer e porque se quer — é-se Poeta quando se merece a estranha visita do sonho-criador. Pode, porém, o Poeta inteirar-se dessa visita, orientá-la, dirigi-la, vigiá-la, utilizando, assim, a Poesia como uma forma expressiva de sondagem interior que sirva à libertação do Homem. Libertação, a um tempo, sempre total e definitiva e sempre transitória e renovável. Total e definitiva em relação ao Poeta e ao seu momento de crise; transitória e renovável em relação ao Poeta perante o objecto-total da Poesia, e, também, em relação a todos aqueles que — Poetas por ou para exprimir — buscam, nos poemas revelados e expressos, a resposta às inquietações suas próprias e aos seus próprios anseios. E transitória, ainda, na medida em que é apenas (e é tanto!) um momento para a descoberta do absoluto, mas nunca a conquista do absoluto inconquistável.

SÍSIFO, esse heróico e persistente lutador, dá-nos bem a imagem da luta humana, telúrica, bela e verdadeira, do Poeta que sempre se esforça pela criação e sempre se renova, em sucessivos poemas e em sucessivas gerações, queimando o seu voto na ara de uma lírica aventura.

MANUEL BREDÁ SIMÕES

soneto do jogador

Como a primeira estrela, estou sòzinho
e a vida é um jogo, sob a luz do mundo.
Abril é hora próxima, no tempo
cheio de rotações e simulacros.

Minha existência inteira se submete,
no acaso de existir, aos incompletos
acazos cotidianos, fluindo sempre
como os rios, as horas e as ideias.

Imóvel nada fica. Tudo corre,
muda e se transfigura, foge, perde-se,
como um grito sem sombra cruza o mar.

Comparsa deste jogo, acendo os astros,
a luz desce da altura, sobre as cartas,
e o inferno desta vida não se explica.

LÊDO IVO



ampulheta

É um beijo de infinitos namorados:
mas cada boca farta é como um seio,
sem a preocupação de estar um cheio
e outro vazio. O que importa afinal
é o ir e vir dos grãos sobre cristal
dos lábios sempre mais apaixonados;
é a carícia da areia distraída
nesse cair que é tempo, é morte, é vida.

GEIR CAMPOS

5

POEMAS DE MIGUEL HERNÁNDEZ

1

Sepultura de la imaginación

Un albañil quería... No le faltaba aliento.
Un albañil quería, piedra tras piedra, muro
tras muro, levantar una imagen al viento
desencadenador en el futuro.

Quería um edificio capaz de lo más leve.
No le faltaba aliento. Cuanto aquel ser quería!
Piedras de plumas, mares de pájaros los mueve
una imaginación al mediodía.

Reía. Trabajaba. Cantaba. De sus brazos,
con un poder más alto que el ala de los truenos,
iban brotando muros lo mismo que aletazos.
Pero los aletazos duran menos.

Al fin, era la piedra su agente. Y la montaña
tiene valor de vuelo si es totalmente activa.
Piedra por piedra es peso y hunde cuanto acompaña
aunque ésta sea un mundo de ansia viva.

Un albañil quería... Pero la piedra cobra
su torva densidad brutal en un momento.
Aquel hombre labraba su cárcel. Y en su obra
fueron precipitados él y el viento.

2

Desde que el alba quiso ser alba, toda eres madre. Quiso la luna profundamente llena. En tu dolor lunar he visto dos mujeres, y un removido abismo bajo la luz serena.

Que olor a madre selva desgarrada y hundida!
Que exaltación de labios y honduras generosas!
Bajo las huecas ropas aleteó la vida,
y se sintieron vivas bruscamente las cosas.

Eres más clara. Eres más tierna. Eres más suave.
Ardes y te consumes con más recogimiento.
El nuevo amor te inspira la levedad del ave
y ocupa los caminos pausados de tu aliento.

Ríe, porque eres madre con luna. Así lo expresa
tu palidez rendida de recorrer lo rojo;
y ese cerezo exhausto que en tu corazón pesa,
y el ascua repentina que te agiganta el ojo.

Ríe, que todo ríe: que todo es madre leve.
Profundidad del mundo sobre el que te has quedado
sumiéndote y ahondándote mientras la luna mueve,
igual que tú, su hermosa cabeza hacia otro lado.

Nunca tan parecida tu frente al primer cielo.
Todo lo abres, todo lo alegras, madre, aurora.
Vienen rodando el hijo y el sol. Arcos de anhelo
te impulsan. Eres madre. Sonríe. Ríe. Lloras.

3

Yo no quiero más luz que tu cuerpo ante el mío,
claridad absoluta. Transparencia redonda.
Limpidez, cuya entraña, como el fondo del río,
con el tiempo se afirma, con la sangre se ahonda.

Que lucientes materias duraderas te han hecho,
corazón de alborada, carnación matutina!
Yo no quiero más día que el que exhala en tu pecho.
Tu sangre es la mañana que jamás se termina.

No hay más luz que tu cuerpo: no hay mas sol. Todo ocaso.
Yo no veo las cosas a otra luz que tu frente.
La luz es fantasma, nada más, de tu paso.
Tu insondable mirada nunca gira al poniente.

Claridad sin posible declinar. Suma esencia
del fulgor que ni cede ni abandona la cumbre.
Juventud. Limpidez. Claridad. Transparencia
acercando los astros mas lejanos de lumbre.

Claro cuerpo moreno de calor fecundante.
Hierba negra el origen. Hierba negra las sienes.
Trago negros los ojos, la mirada distante.
Dia azul. Noche clara. Sombra clara que vienes.

Yo no quiero mas luz que tu sombra dorada
donde brotan anillos de una hierba sombría.
En mi sangre, fielmente por tu cuerpo abrasada,
para siempre es de noche: para siempre de día.

4

El lecho, aquella hierba de ayer y de mañana:
este lienzo de ahora sobre madera aun verde,
flota como la tierra, se sume en la besana
donde el deseo encuentra los ojos y los pierde,

Pasar por unos ojos como por un desierto:
como por dos ciudades que ni aun amor contienen.
Mirada que va y vuelve sin haber descubierto
el corazón a nadie, que todos lo enarenen.

Mis ojos encontraron en un rincón los tuyos.
Se descubrieron mudos entre las dos miradas.
Sentimos recorrernos un palomar de arrullos,
y un grupo de arrebatos de alas arrebatadas.

Cuanto más se miraban más se hallaban: más hondos
se veían, más lejos, más en uno fundidos.
El corazón se puso y el mundo más redondos.
Atravesaba el lecho la patria de los nidos.

Entonces, el anhelo creciente, la distancia
que va de hueso a hueso recorrida y unida,
al aspirar del todo la imperiosa fragancia;
proyectamos los cuerpos más allá de la vida.

Expiramos del todo. Qué absoluto portento!
Qué total fué la dicha de mirarse abrazados,
desplegados los ojos hacia arriba un momento,
y al momento hacia abajo con los ojos plegados!

Pero no moriremos. Fué tan cálidamente
consumada la vida, como el sol, su mirada.
No es posible perdernos. Somos plena simiente.
Y la muerte ha quedado con los dos fecundada.

5

Sólo quien ama vuela. Pero, quien ama tanto
que sea como el pájaro más leve y fugitivo?
Hundiendo va este odio reinante todo cuanto
quisiera remontarse directamente vivo.

Amar... Pero, quien ama? Volar... Pero, quien vuela?
Conquistaré el azul ávido de plumaje,
pero el amor, abajo siempre, se desconsuela
de no encontrar las alas que da cierto coraje.

Un ser ardiente, claro de deseos, alado,
quiso ascender, tener la libertad por nido.
Quiso olvidar que el hombre se aleja encadenado.
Donde faltaban plumas puso valor y olvido.

Iba tan alto a veces, que le resplandecía
sobre la piel el cielo, bajo la piel el ave.
Ser que confundiste con una alondra un día
te desplomaste otro como el granizo grave.

Ya sabes que las vidas de los demás son losas
con que tapiarte; cárceles con que tragar la tuya.
Pasa, vida, entre cuerpos, entre rejas hermosas.
A través de las rejas, libre la sangre afluya.

Triste instrumento alegre de vestir: apremiante
tubo de apetecer y respirar el fuego.
Espada devorada por el uso constante.
Cuerpo en cuyo horizonte cerrado me despliego.

No volarás. No puedes volar, cuerpo que vagas
por estas galerías donde el aire es mi nudo.
Por más que te debates por ascender naufragas.
No clamarás. El campo sigue desierto y mudo.

Los blazos no aletean. Son acaso una cola
que el corazón quisiera lanzar al firmamento.
La sangre se entristece de debatirse sola.
Los ojos vuelven tristes de mal conocimiento.

Cada ciudad, dormida, despierta, loca, exhala
un silencio de cárcel, de sueño que arde y llueve
como un élitro ronco de no poder ser ala.
El hombre yace. El cielo se eleva. El aire muere.



Hernández é um dos mais significativos Poetas da geração de Lorca. Igual sorte os roubou à vida. Além dos livros publicados (e totalmente esgotados) Hernández deixou muitos poemas inéditos, entre os quais estes que aqui publicamos. Carmen Conde, que gentilmente nos cedeu os poemas, publicará, num dos próximos fascículos de Sísifo, um estudo sobre a obra de Miguel Hernández.

BALADA DO POETA

P'la Via Láctea do sonho
Segue um menino encantado:
Leva nas mãos uma lira
Que Orfeu, um dia, lhe dera;
Nos pés as asas do vento
Como um Deus transfigurado,
Nos ombros o firmamento
Que em si alguém lhe pusera,
Quando p'ra longe partira
Na Via Láctea do sonho.
Rosas de imagens adejam
Em torno dos seus cabelos,
E esse menino encantado
Tece nas brumas do Tempo
Um manto com seus novelos
De fios d'oiro e arminhos.
Vai cego no seu destino,
Como dormindo acordado;
Só vê as terras do encanto
Com seus olhos de adivinho.
Não conta os passos no espaço
Pelos caminhos que andara,
Pois só se lembra que um dia
Ao som da lira acordara,
Que a brisa à noite trouxera
Nos braços do desencanto,
Num murmúrio de cansaço.
O seu encanto é seu canto
Na sua alva melodia,
E esse menino encantado
Vai tangendo todo o dia
A lira do seu encanto
Em imaginário regaço
De lírios roxos bordado,
Que mão de fada oferecera
Na Via Láctea do sonho.
E esse menino encantado
Vai crescendo noite e dia;

Só vê as margens do Tempo
Que nasce do pensamento.
E viaja pelas florestas
Em busca do sentimento
Que gnomos despertaram.
Caem pétalas de cravos
Na sua frente de mago.
Conversa à luz do luar
Com seus fantasmas e alento.
Plácidas auras o beijam
No seu perfil longo e vago,
Onde desenham volutas
Libélulas do sentimento,
Que Apolo vem acordar
Sobre alfombras devolutas.
À noite surgem passando
Imagens que o adormecem,
Quando já descem as sombras
Ou as estrelas o beijam.
E esse menino encantado
Vai crescendo noite e dia:
Da sua humana inocência,
Donde emerge a melodia,
Vai passando à adolescência
Na Via Láctea do sonho.

2

Já o menino cresceu
Mas continua menino.
Traz consigo a Primavera,
Envolta em si como um véu.
Como Orfeu pela floresta
Vai divino em seu cantar:
Traz grinaldas de papoilas,
De mirtos e folhas de hera,
Que a Primavera lhe empresta
E a lua à noite desfolha
Na sua cama de fetos.
Já o menino recorda
Os dias que vão passando

Sobre as folhas da floresta.
Vê aves pelas clareiras
E colhe, às tardes, cantando,
As rosas das macieiras
E descansa sobre abetos.
Se adormece, logo acorda
Movido por força inquieta,
E logo, depois ou quando
A sua lira desperta,
Vai cantando a sinfonia
Duma balada selecta.
Salta nos prados do sonho,
Molha os pés pelos ribeiros,
Sorri à graça de insectos
Como Pan nesses outeiros.
Vai louco, divino, e quando
Se perfuma nos canteiros,
Já o menino recorda
Os dias que vão passando
P'la Via Láctea do sonho.
Persegue p'las madrugadas
As Ninfas do seu encanto
Nalgum gesto de surpresa,
Por sob o orvalho caindo
Sobre as rosas desfolhadas
Quando recorda sentindo
Os dias que vão passando,
Num cântico à Natureza,
P'la Via Láctea do sonho.

3

Esse menino cresceu
Na força do seu instinto:
Como um duende encantado
Entra em Palácios dourados
Onde a lua se escondeu
E tesouros perfumados
São a magia do céu
Desse seu reino indistinto.
Bosques da infância recorda

Dos tempos ora passados:
Ouve densos arvoredos
Que as brisas calmas embalam,
Onde p'las tardes descansam
Os pássaros que a Deusa Ceres
Faz descer sobre as planícies,
Loucos de cio e prazeres,
Por sobre espigas maduras
Que surgem às superfícies
Dos sulcos das planuras.
Dão frutos as sementeiras
Que busca pelos valeiros
Ou veigas de formosuras;
Colhe as amoras silvestres
Cheias de sumo e frescura,
Que dão força à sua lira
Numa mensagem campestre.
Beija as Musas ao Sol-posto
Quando lhe dizem segredos
Que ouve num doce enlevo,
Num sorriso ledó e brandó;
E logo após se embriaga
Dum vinho de puro mosto
Ora, depois, logo ou quando
Baco lhe entrega uma taça,
Que bebe sempre a sorrir
Num sorriso quase a medo.
Já seu gesto se embaraça
Pois que o menino recorda
Os dias que vão passando
P'la Via Láctea do sonho.
Ouve balir pelas moitas
Os anhos que o Sol acoita,
Memórias da sua infância;
Ouve cantar as ceifeiras
E a sinfonia dos ralos,
Quando no ocaso declina
Por sobre os cerros e as eiras
E a pura luz matutina
Vem surgindo mensageira
Numa elegia discreta.
No fresco brilho do orvalho
Se revê p'ra o dia inteiro,

Qual pássaro de neblina,
De translúcida alegria.
Come os pomos da ilusão
E dorme sob os carvalhos;
Come morangos rosados
E se enfeita de medronhos
Numa ilusão já madura
De gomos bem sazoados.
Pelos tufos de verdura
Como um sátiro do monte
Espreita as moças banhando-se
Nas águas de alguma fonte.
Canta um hino em cada hora
Que dedica à Deusa Vénus
Quando ao cair do crepúsculo
Sua lira se enamora.
Persegue as ágeis gazelas
Que correm nos sítios húmidos
Como fortuitas donzelas;
Vê ao largo os javalis
E escuta cheio de encanto
Ao som da lírica frauta,
O balido dos rebanhos
Recolhendo a seus redis.
Bem o menino recorda
Os dias que vão passando
Numa sentida canção
Sempre quente, sempre incauta.
Mas esse menino acorda
Às névoas da ilusão
Na Via Láctea do sonho.

4

Já as folhas vão caindo
Num desprender de abandono;
São as folhas da ilusão
Que caem pelo Outono.
Loiros frutos apodrecem
E as nuvens lá vão passando,
Negros prenúncios de agoiros

Que lembram as asas tristes
Dos corvos longe voando.
Garças da sua infância
Que voam pelos pauis,
Imagens ao sabor d'águas
Das lagoas da saudade
Que morrem pelo olvido
De escurecidos azuis.
Tanto caminho perdido
E tantos passos andados,
E o Príncipe da Ilusão
Vai chorando as suas mágoas
Em notas brandas e suaves.
Só lírios roxos lhe restam
E goivos apodrecidos
São adornos que não prestam
Nesta aventura celeste,
Dos vagabundos dos astros.
Só os charcos são espelho
Dum cenário adormecido
Onde corças se banhavam
Nos calmos dias de verão,
Com quem brincava em criança
Correndo pelos valados
Da sua pura emoção.
Já tais dias são contados
Do menino d'outros tempos,
— Hoje um mendigo de rastros —
Por sobre as chuvas e os ventos,
Ainda sublima o cansaço
Que vem do seu coração.
Sobre os cabelos revoltos,
Mais brancos que a neve fria,
As brumas da solidão
Vão descendo todo o dia
Em tons de cinza outonais,
Sobre seus olhos envoltos
De neblina indiferente,
Dos indiferentes mortais.
Nesse menino encantado,
Como luto de veludo,
Mora agora a singeleza
Duma amargura infinita.

E o Príncipe da Tristeza
Morreu ao findar do dia:
Cai chuva na natureza
Duma aventura perfeita,
Rica de sóis e de opalas,
Fortuna há muito desfeita,
Riqueza finda e extinta.
Querubins, anjos alados
Cantam no céu «De profundis»
Pela morte do Poeta:
«Requiem» na voz das estrelas
E na balada do vento;
Chora o menino encantado,
Na sua melancolia,
O olhar do Firmamento.
A noite fria desceu
Sobre o corpo sepultado
Em neves e folhas secas
Ou lençol de desenganos,
Que esse menino teceu
De jasmims e linhas pretas,
Após os dias e os anos.
Na tumba dorme o seu sono
E se lê esta legenda:
— O Poeta não morreu
Na Via Láctea do sonho.

AURELIANO LIMA



DOCUMENTÁRIO

«Não existe poema social, no sentido comum da palavra»

afirma o poeta PAUL ELUARD

De uma entrevista ao «Jornal de Letras»
(Rio de Janeiro) de Fevereiro de 1951.

.....
«— Acha que, diante da sua nova orientação, o poeta ainda pode falar do amor, preocupar-se com outra coisa que não seja a política?»

«— Não há assuntos privilegiados. Escrevo sobre o amor, sobre os passarinhos, como costumava fazê-lo antigamente. Não existem assuntos proibidos. Acima de tudo, não há poesia de ordem. Tenho às vezes vontade de escrever poemas sobre os operários, os mineiros, os trabalhadores e acabo fazendo poemas sobre as folhas das árvores. Como também, às vezes, quero cantar o amor e acabo cantando a liberdade. Quando escrevi o poema «Liberté», durante a guerra, pensava na mulher amada e repetia o seu nome durante o poema: «Liberté». Percebi, depois, que o meu amor por ela coincidia com o amor pela liberdade e que o poema era um grito de cólera e de amor. Não existe poema social, no sentido comum da palavra. Existe apenas a poesia... O poeta não pode por sua própria constituição criadora, deixar que a sua poesia seja utilizada como instrumento. Instrumento, ela o é, mas de outro modo, como canto de libertação, de amor, de compreensão. É sempre um perigo ser super-politizado e pretender manchar a sua poesia com uma falsa sinceridade funcional, porque, então, não só perde a capacidade de criação como se inutiliza mesmo como membro de uma comunidade. O poema dirigido já deixou de ser poema pelo simples facto de ser dirigido».

.....

EXEMPLAR N.º 322

DISTRIBUÍDO PELA
ATLANTIDA, L. E. L.
E IMPRESSO NAS SUAS OFICINAS

1 9 5 1